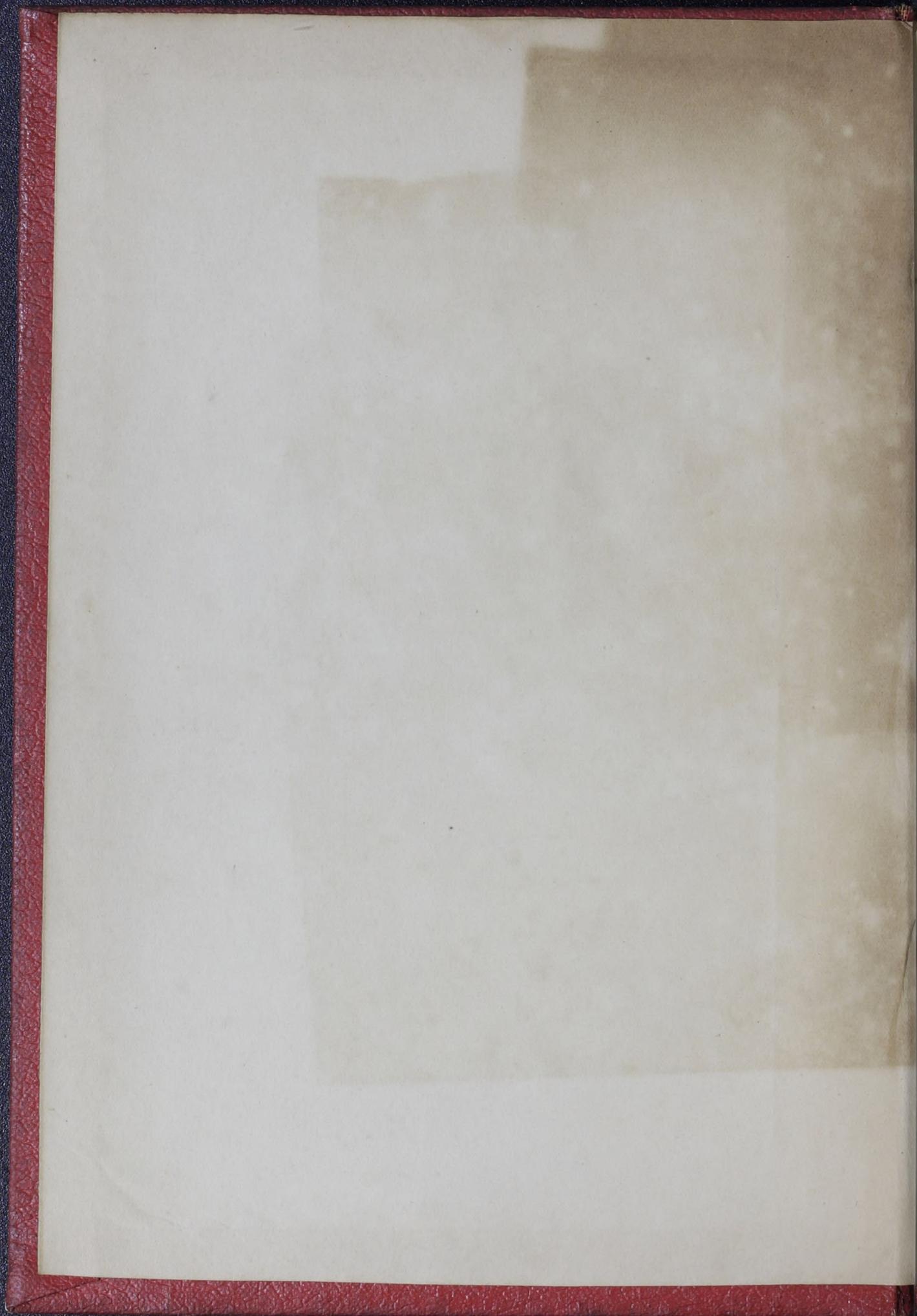


CINCINNATUS

—

CARTA

1879



88

100

CARTA 16140

DIRIGIDA AO

DR. ANTONIO FERREIRA VIANNA

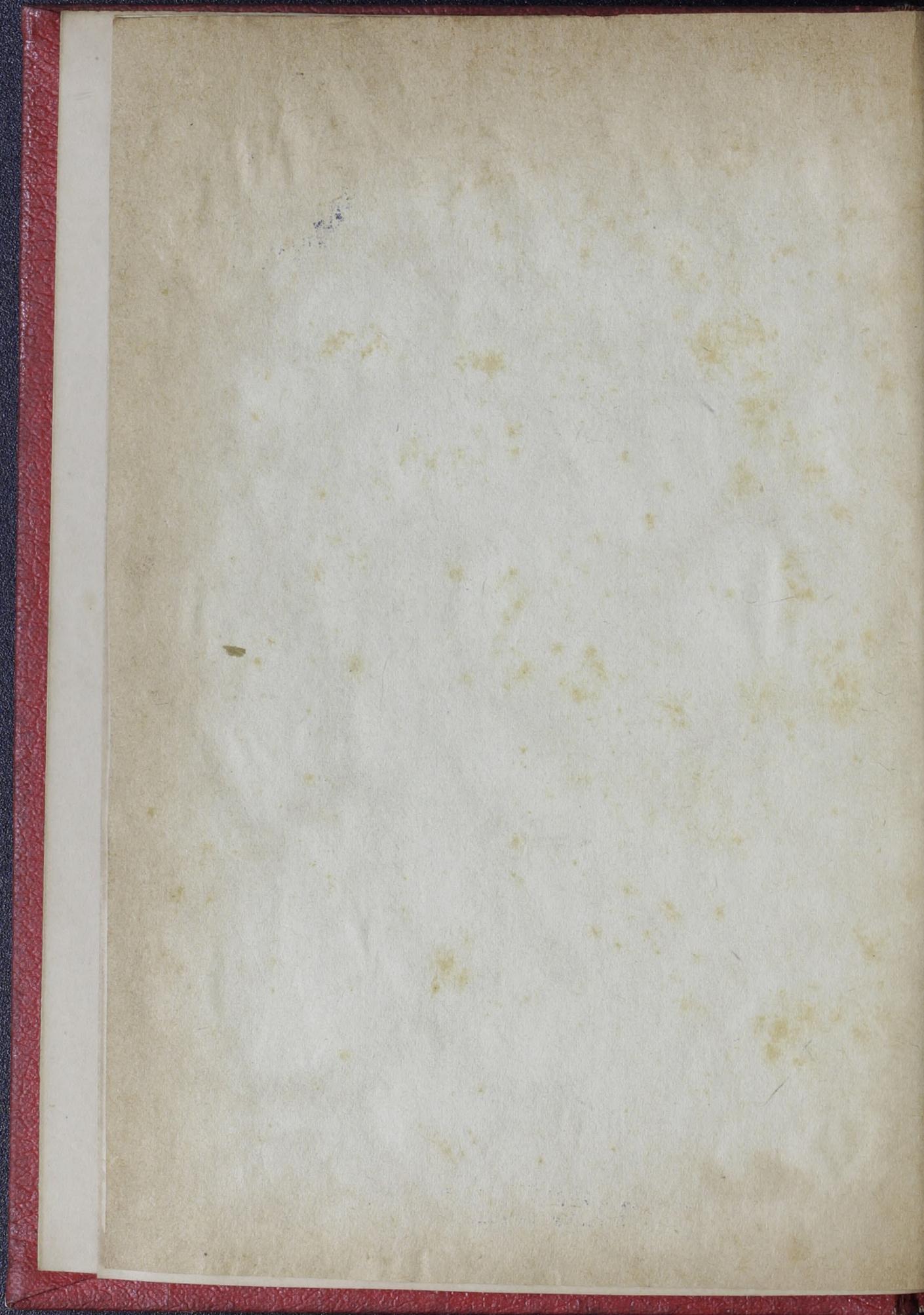
POR

Cinnatus.

RIO DE JANEIRO.

Typographia — PERSEVERANÇA —, rua do Hospicio, n. 85.

1879.



CARTA

DIRIGIDA AO



DR. ANTONIO FERREIRA VIANNA

POR

Cinnatus.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
«ORÍGENES LESSA»

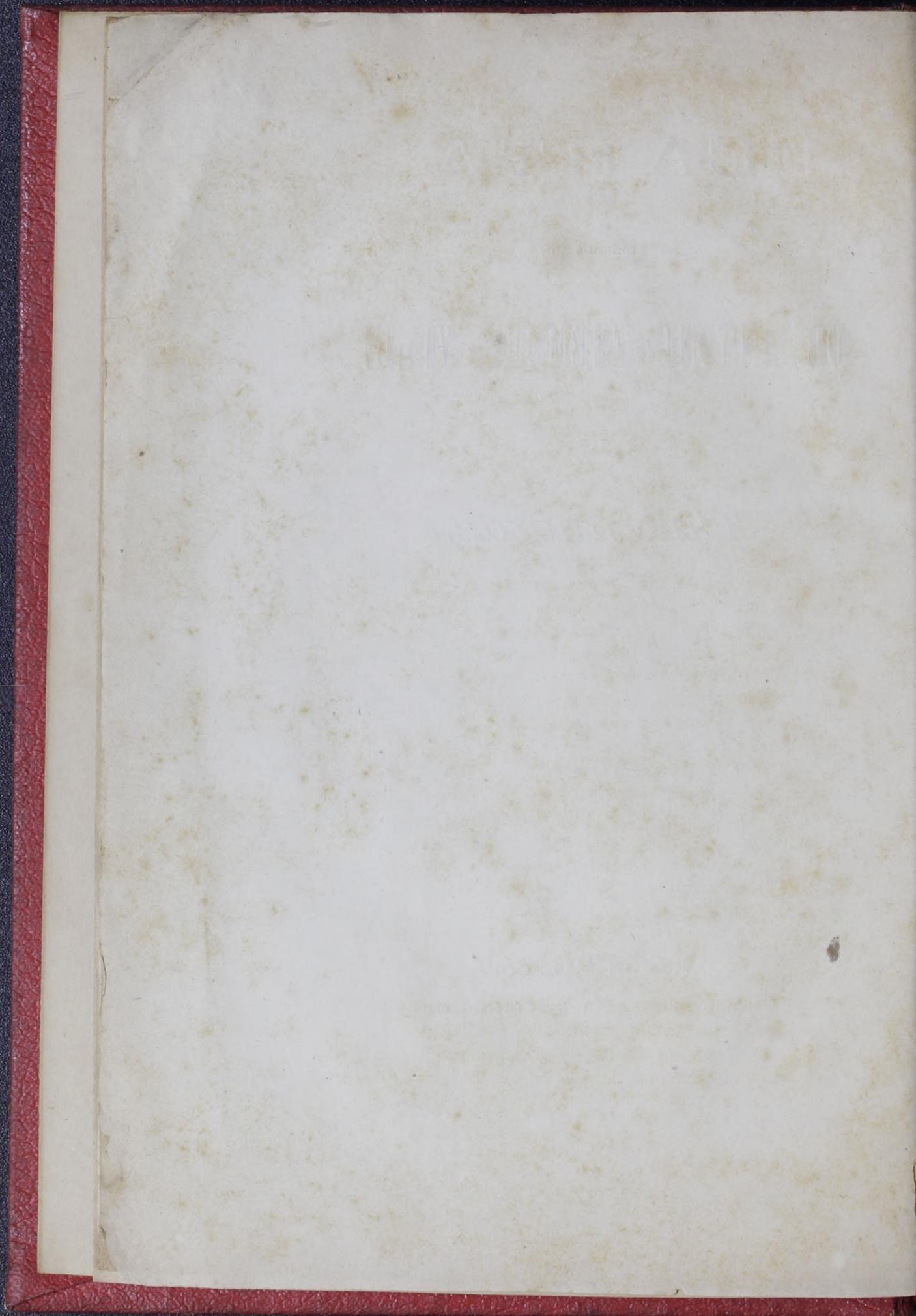
Tombo N.º _____

RIO DE JANEIRO.

Typographia — PERSEVERANÇA —, rua do Hospício, n 85.

—
1879.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORÍGENES LESSA"
Lencóis Paulista - SP



Meu caro Cincinnatus,

Li com vivo interesse e de um só folego a vossa generosa resposta á carta circular que em 7 de Setembro do anno findo dirigi ao eleitorado fluminense, e me confesso penhorado por tanto favor a mim feito embora com detrimento da justiça.

Se não fôra o receio de dilatar a publicação de tão primorosa carta, solicitaria da vossa nunca esgotada benevolencia a mercê de prorogar o prazo da resposta, entretanto desde já vos declaro que relevantes motivos me impedem, por emquanto, de apreciar todas as questões que tão brilhantemente agitastes e merecem profundo exame. Fal-o-ei na carta circular que prometti ao illustre eleitorado fluminense, logo que chegue o momento opportuno.

Não sacrifico á forma o fundo, ao accidente o principal. A monarchia não é incompativel com a liberdade; prefiro a monarchia que existe á republica a fundar-se sobre a revolução. A' ordem sacrifico a esthetica da theoria, mas nunca a soberania nacional.

Tolerar o governo pessoal é apressar a queda da monarchia pela revolução, precursora do despotismo.

A eleição directa, censitaria e por circulos, terá, eu espero, a virtude de assegurar a monarchia, transferindo para o paiz a responsabilidade de seus destinos.

O governo consagrou imperativamente a necessidade da reforma eleitoral, e elevou-a á categoria de *ideia mãe*. Todos os partidos a adoptão, querem-na.

Os despojados do direito de votar no processo indirecto, deixaram-na passar na camara temporaria, sem reclamação.

Não é de presumir que appareção no senado escrupulos democraticos.

A questão pendente é se a reforma será elaborada por uma constituinte, e se o senado e a Corôa deverão intervir na confecção e sancção da lei; adiamento e conflicto.

Porque prevenir a solução da divergencia entre os altos representantes dos poderes publicos? Não comprehendo a conveniencia para o partido conservador de, nas actuaes circumstancias politicas, apertar o circulo de acção do partido liberal, a ponto de forçal-o a fazer no poder a politica de seus contrarios, tornando-o assim mais accessivel ao governo pessoal, de quem se constitue complice.

A constituinte com ou sem a intervenção do senado e da Corôa, é um adiamento e nada mais. O actual processo eleitoral está condemnado, incorreu até na animadversão publica. A reforma é urgentissima. A constituinte dimanada da mesma fonte, não terá maior autoridade moral, e além de protellar a reforma, seria mais um escandalo eleitoral.

Quanto ao mais estou na resistencia passiva, como aconselhaes: vivo em paz na minha casa, trabalho para pagar o imposto, não perturbo a ordem publica nem por pensamentos, nem por palavras e nem por obras.

Se me fôr permittido, direi francamente, que a minha esperanza de ver realisada a reforma por eleição directa impallidece, na proporção que augmenta o numero de seus proselytos, ou apóstolos. A eleição chamada do terço, passou em uma só sessão no parlamento, sem duvida porque assim o partido conservador como o liberal a regeitarão *in limine*.

Vosso correligionario e amigo,

Ferreira Vianna.

Rio, 4 de Outubro de 1879.

Meu caro Ferreira Vianna,

Só agora pude ler a vossa *carta circular*, e os *libellos politicos*, que d'ella fazem parte integrante.

Dirigistes-vos a todos os brazileiros para conhecer de sua *opinião e propositos sobre a eleição directa censitaria por circulos*.

Fizestes bem consultando antes de proceder mais activamente: embora typo do bello intellectual, como vos reconheço, se não representardes a opinião, se não fordes como que o centro de gravidade em torno do qual ella esteja em movimento, ficareis isolado no meio da admiração geral.

Qualquer, porém, que seja o resultado do escrutinio que estaes correndo, contrahistes um compromisso: apoiado, sereis chefe de uma grande reforma, da qual é apenas premissa o novo methodo que propondes para a livre manifestação da soberania nacional; contrariado, deveis insistir para convencer, repetindo as palavras de Pelletan: «Re-

geitado pela onda sobre o escolho, ergo-me contra ella em toda a minha altura e brado : *etiam si*, resistirei a todo o transe.»

Ardua é a vossa missão ! O sabio mathematico, orgulhoso por haver sorprendido algumas leis em seus effeitos, sem penetrar-lhes o segredo, que permanece inviolavel na radioza esphera da divindade, pedia uma alavanca e um ponto de apoio a fim de fazer parar o mundo. Para deter a situação politica, ou antes social, que nos conduz ao abismo, tendes a alavanca do vosso grande talento ; mas aonde está o ponto de apoio, a opinião ? Actualmente é ella a escuma da onda que se quebra na praia, conduzindo tudo o que o oceano regeita, sem nada trazer que reflecta a sua magestade !

Mostrando que a historia assigna aos grandes revezes grandes erros, um escriptor de nota aconselha nestes termos o proprio genio para se não deixar arrastar pelo sentimento, rebelde aos conselhos da razão : « Quando Miguel Angelo olhando para o Pantheon disse « admirão-no em terra e quero construil-o no ar », o successo correspondeu á audacia e a cupula de S. Pedro attesta á posteridade a força do genio e a exactidão de seus calculos ; mas se affrontando todas as regras d'arte, e a despeito dos conselhos dos homens sabios e das previsões do bom senso, accumulasse pedras sobre pedras, e a final a obra meio feita desabasse por si mesma, esmagando sob seus destroços architecto e operarios, em vez de um monumento sublime de

audacia e de talento, d'essa obra não ficaria senão uma recordação de extravagancia e temeridade.»

Na posição em que vos collocastes, os vossos correligionarios devem responder-vos; os sabios, recordando-vos as regras d'arte; e os que, como eu, só tem a luz do bom senso, communicando-vos as suas previsões.

Acudo, pois, ao vosso tão patriotico appello, até porque sou mais do que vosso correligionario, lisongeio-me de ser vosso amigo.

Mas, ainda nesta qualidade, não me esquecerei do preceito «*amicus Plato sed magis amica veritas*», e começo desempenhando-o com umas, talvez impertinentes, observações preambulares, que o vosso superior espirito relevará.

Socrates dizendo « não sei senão uma cousa, e é que nada sei », sem empregar argumentação directa e só interrogando, conduzia o adversario da affirmacão á duvida, da duvida á confissão do erro, e d'esta a idéas mais exactas.

Imitando-lhe a fina ironia, e quando mais ostentaveis, a par das galas do vosso talento, vasta erudição e grande bom senso aperfeiçoado pela experiencia, proclamastes-vos philosopho em pleno parlamento.

Dissimulando tudo isto, e só lembrando-se de que Frederico II disse uma vez que se quizesse arruinar uma provincia mandaria governal-a por um philosopho, os vossos adversarios, ou antes os vossos emulos politicos, proclamarão-vos, por seu turno,

utopista, sonhador e incapaz de edificar, como se não houvesse organizações superiores, que reunindo no mais alto gráo o discernimento e a imaginação, distinguem-se pela applicação opportuna d'estas duas faculdades, entregando-se ora a todos os devaneios da intelligencia, ora a todas as exigencias da acção.

Tanto me indignou então essa injustiça da má fé, quanto agora me contraria o estylo em que escrevestes.

As opiniões especulativas da philosophia permanecem inoffensivas, mas nem sempre os syllogismos da politica.

O sophisma de Rousseau converte-se na doutrina de 1793, que levanta o cadafalso para immolar tantas victimas.

Equipara-se a sociedade a um contracto lavrado nas notas do tabellião, e espiritos insensatos, julgando-se prejudicados por uma convenção ante-diluviana, pedem a liquidação da sociedade antiga, e um novo contracto que mais lhes satisfaça os interesses e as ambições.

Proclama-se que a terra não é de ninguem e os fructos são de todos, e o consequente paradoxo de Proudhon, « a propriedade é um roubo », obriga Thiers a publicar um livro em plena revolução, para demonstrar que, por decreto providencial, os dous fundamentos eternos, essenciaes, indispensaveis da sociedade e da civilização são a desigualdade de facto e a propriedade.

Na opinião de Tocqueville foi o espirito lit-

terario do fim do ultimo seculo que conduziu ao naufragio a revolução franceza; Caro demonstra a funesta influencia de certa litteratura sobre os tristes acontecimentos de que Pariz tem sido o theatro; e Laveleye, attribuindo á falsa rhetorica de 1793, apoiada nas bellas phrases de Rousseau e de Plutarcho, as scenas que então ensanguentarão a França, mostra o perigo que ha em dar-se á politica de um paiz expressão tão decisiva que se ache elle collocado entre os dous membros de uma antithese.

As figuras de rethorica, empregadas de certo modo e em certas occasiões, são mais proprias para agitar as massas e conduzir-as á revolução, do que para conquistar o governo pela ordem,

Eu quizera que o vosso talento cujos raios projectão luz sobre todas as questões, fallasse, embora Macaulay ache o estylo de Stuart Mill tão secco como os «Elementos de Euclides», aquella linguagem que se aproxima da concisão da algebra, que em poucos signaes dá as suas formulas, encerrando grandes verdades, e sem hyperboles, parabolos e methaphoras, tambem empregadas por aquelles que não ouzão dizer a verdade inteira á authoridade que se transvia.

Quizera que, ainda convicto de que uma cabeça occulta nas nuvens da ficção constitucional faz a politica permanente deste paiz, seguindo a maxima «divide e impera» que a moral politica repelle, dispensasseis todas as allusões que pudessem ferir o principio monarchico, que ainda pode dar-nos o pre-

gresso sem precipitação, a conservação sem immobillidade, a liberdade sem licença e a ordem sem oppressão.

Quizera notasseis que já entre nós se passa, até certo ponto, o que um escriptor diz que se dá com todas as monarchias, enfraquecendo-lhes de dia em dia o prestigio : « O romance explora as fraquezas historicas dos reis, o drama os põe em scena, a satira persegue-os no interior da vida privada, a caricatura irreverente, e muitas vezes sem espirito, entrega-os desapiudadamente aos risos da multidão que passa. Nestas condições não ha mais magestade. A magestade no Oriente encerrou-se no fundo do seu palacio, vive por detraz de um véo de purpura, inaccessible aos frageis mortaes ; está muito longe. No Occidente anda na rua, os carros a enlameão, os peões a acotovelão ; está muito perto. »

Quizera visseis que a estas e outras causas geraes algumas especiaes se accumulam, prejudicando esta nossa monarchia, isolada nas matas da America, cercada de tanta democracia, collocada em um paiz ainda em estado de formação, cujas mudanças, atravessando as diversas phases de seu desenvolvimento, ninguem pode prever, e sem o apoio de uma aristocracia que só represente a tradição, os serviços, o talento, o saber, a virtude e a honra, por que tem ella sido tambem recrutada entre aquelles que precisavão mudar de nome para esquecer o passado, e não tinham outro titulo

mais do que o dinheiro, ás vezes de origem impura.

Quizera finalmente reconhecesseis que nunca foi tão necessario reconciliar a nação com a forma de governo que adoptou.

Propala-se com malevola intenção que o Sr. D. Pedro de Bragança terminára uma conferencia, que solicitara e obtivera de Victor Hugo, dizendo-lhe: « Se eu não fôra imperador seria republicano. »

Propala-se mais que por occasião de organizar-se o actual gabinete, recusando-se um de seus membros a fazer parte d'elle, allegando a sua crença republicana, o Imperador serenara-lhe os escrúpulos dizendo-lhe: « O senhor não é mais republicano do que eu. »

Não, taes palavras não forão proferidas pelo descendente da familia a que pertence esse rei sem throno, tão fiel ao principio que representa, que prefere á corôa, nas condições em que lh'a offerecem, a qualificação que lhe dá um eloquente escriptor: a honra feita homem.

Não, taes palavras não forão proferidas pelo chefe da dynastia brazileira, porque importando a negação da fórmula de governo, cuja defesa a nação lhe confiou e elle aceitou, e consequente provocação á sua mudança, importarião tambem uma abdicção moral.

Se tivessem sido proferidas, virião ainda uma vez provar que o livre arbitrio, essa força em ap-

parencia tão caprichosa, é impotente para perturbar a marcha da sociedade; virião dar razão ao dito de Depradt: « as revoluções acontecem, não se fazem. »

Mas, por fatal coincidência, apenas chega o chefe do estado de viagem, em que teve occasião de estudar a republica em acção na Suissa, em França e nos Estados-Unidos, retira do governo o partido conservador, em quasi unanimidade no parlamento, e, na ausencia d'este, chama o partido liberal para governar o paiz, organisando um gabinete, em que o partido republicano está representado.

At distingue a monarchia de direito da monarchia de facto, a monarchia da ordem da monarchia da revolução, a monarchia representativa da monarchia constitucional, que aspira a salvar o paiz com a ausencia de toda a fé politica.

Distingue tambem a republica ordinaria da republica vermelha e da republica hermaphrodita: uma é a dos sinceros, a outra é a dos loucos, e a ultima, que é a dos habeis, « habita uma zona temperada, conserva-se a igual distancia da verdadeira republica e da verdadeira monarchia, toma da primeira o nome e da segunda a cousa, nasce das circumstancias, não existia na vespera e não existirá amanhã, não diz de onde vem e occulta para onde vae. »

Os suspeitos lobrigão actualmente, não consorcio, mas concubinato entre a monarchia consti-

tucional e a republica hermaphrodita, e receiando que esta se transforme em republica verdadeira e absorva a monarchia, tem o espirito inquieto e cheio de apprehensões; cumpre-nos, portanto, deixando a corôa entre o seu acto e a sua consciencia, protestar contra temerarias innovações.

Como bem nota Paul Jannet, na « Historia da sciencia politica em suas relações com a moral », Platão, na *politica*, procedeu pelo methodo logico de definição e divisão; na *republica*, pelo methodo de analogia, concluindo constantemente, sem outra razão mais do que a verosimilhança, do individuo para o estado; nas *leis*, finalmente, pelo methodo de construcção, imaginando o que póde, ou deve ser um estado bem governado, sem que antes determinasse o que é o estado, e assim, sem base, por falta de verdadeiro methodo, a sua politica, aliás admiravel pelas vistas largas e grandes aspirações, confunde o verdadeiro e o chimerico, o real e o ideal, o possivel e o impossivel; Aristoteles, pelo contrario, seguindo o methodo de observação e analyse, se não antecedeu o seu tempo, comprehendeu-o tão bem, que o seu livro é a mais completa e profunda theoria da sociedade antiga.

Os publicistas modernos aproveitarão a lição do philosopho grego, que, debaixo de certo ponto de vista, talvez possa ser considerado o fundador da sciencia politica.

Stuart Mill, commentador de Bacon, em sua logica, reduz tudo á inducção, para elle a verda-

deira base de nossos conhecimentos. Da inducção tirada dos factos bem observados e analysados obtém-se a proposição geral de que nasce a lei. Por inducção e deducção procede successivamente o espirito humano; dos factos induz e das leis deduz. Desvaira-se a razão estabelecendo leis, principios antes dos factos, deduzindo quando apenas se deve induzir.

Dufau, no « Methodo de observação applicado ás sciencias moraes e politicas », mostrando que sobre a observação, assim comprehendida e executada, funda-se o methodo experimental, segundo o qual se averiguão os factos e d'elles se tirão as inducções, ao inverso do methodo dialectico, que admitte fóra dos factos principios de que deduz consequencias, observa que o primeiro conduz á certeza e á verdade, e o segundo á duvida e ao erro; que é por terem adoptado definitivamente, seguindo Bacon, o processo inductivo, que não admitte a lei, ou o principio, senão depois de um longo e paciente estudo dos factos, que as sciencias phisicas tanto se tem adiantado; e por não terem abandonado de todo a marcha contraria, ou o espirito de systema, que as sciencias sociaes não tem feito o mesmo progresso.

Pois bem, abramos a historia, e á luz dos factos estudemos assim as diversas fórmulas de governo. Quando uma opinião tem contra si a historia, diz Vera, discutindo a formula de Cavour « a igreja livre no estado livre », é porque lhe são contrarias a verdade e a razão.

A variedade das fôrmas de governo depende do genio de cada nação, que é a resultante de uma multidão de factos e circumstancias; e por isso escriptores que profundos estudos politicos têm feito, sem dar preferencia á monarchia sobre a republica e vice-versa, ligão-se mais a formular as regras de um bom governo, qualquer que seja a sua fôrma; no entretanto uma deve haver que mais se adapte ás condições geraes de todos os povos, e Bossuet, que se pode considerar o historiador da providencia, diz que a mais commum é a monarchica.

Grandes pensadores sustentão que a republica é o governo dos pequenos estados: mantem-no, na antiguidade, em restricto territorio, com pouco mais de um milhão de habitantes, Carthago, Athenas, Esparta e Thebas, e modernamente, nas mesmas condições, a Suissa, Andorra e S. Marinho, não estabelecendo excepção á regra os Estados-Unidos, porque são uma confederação de estados autonomos, constituindo cada um d'elles uma republica, onde aliás, assegura-se, a idéa monarchica mina o fundo dos espiritos, e já se chamão as tres successivas nomeações do general Grant á presidencia da republica os tres degrãos do throno. Sustentão mais que á medida que as nações se engrandecem tendem para a forma monarchica, se já não a possuem, não podendo effectuar-se a volta de uma monarchia á republica senão pelo federalismo, selvagem exaggeração do espirito provincial, que, sob

o pretexto de descentralisar, desorganisa as grandes nacionalidades.

Passy, o economista liberal, fecha o «Estudo sobre as formas de governo e as leis que as regem» com estas palavras: «Têm-se visto republicas transformar-se e subsistir como monarchias, e não ha exemplo de monarchia de certa grandeza que conseguisse transformar-se e subsistir como republica. Das que o ensaiarão, umas, acabrunhadas por dissensões de violencia crescente, acabarão por succumbir sob as armas estrangeiras; outras retrocederão, mas atravez de dictaduras mais ou menos longas e oppressivas. Tal tem sido o curso constante dos acontecimentos, e a menos que não sobrevenhão na situação, temperamento, tendencias e aptidões politicas das nações da Europa mudanças que nenhum signal precursor annuncia, e nas quaes o ensino do passado não deixa crer, tal permanecerá durante todo o futuro sobre que os dados do presente autorisem a formar conjecturas.»

Laveleye, que aliás prefere a fôrma republicana, diz: «Todas as republicas da Grecia vão perder-se no imperio de Alexandre, e todas as italicas, gaullezas, hispanicas e libicas no imperio romano. A Europa, na média idade, do norte ao meio-dia, estava cheia de republicas. Quantas restão hoje? Uma só, a Suissa. Duas grandes nações, a França e a Inglaterra, tentarão por esforços heroicos fundar a republica, e ambas naufragarão, e a França em duas tentativas. A grande republica

polaca foi devorada pelo absolutismo moscovita, e quando se escreveu a sua historia não se lhe pôde dar titulo mais justo do que o da *anarchia da Polonia*. Cada uma das grandes commoções que a Europa soffreu foi mortal a alguma republica. As guerras do fim do ultimo seculo, feitas para fundar novas, acabarão por matar quasi todas as que existião, e a guerra de 1866 pôz fim á carreira das duas unicas que sobrevivião na Allemanha: Hamburgo e Francfort. E' pois incontestavel que o testemunho da historia deve fazer desesperar do futuro da republica. »

Mas depois de apoiar assim a opinião de Passy, apresenta em favor da republica argumentos que não têm a consagração da experiencia, e por elle proprio invalidados nestes termos: « Para que o mesmo regimen (o da Nova Inglaterra) se estabeleça e subsista na Europa, basta que os povos europeus, em todas as classes da sociedade, adquirão luzes tão sãs, um bom senso tão solido, uma religião tão razoavel como os habitantes da Nova Inglaterra. Ah! estamos tão longe desse estado e não se póde dizer quando lá chegaremos, porque nem mesmo suspeitamos a distancia que d'elle nos separa! Mas quem ousará affirmar que esse fim não será nunca attingido? »

Sobre os destroços da monarchia ergue-se em França por duas vezes a republica, representada por Napoleão I e Napoleão III; ambos põe a corôa na cabeça; aos golpes de 18 brumario e 2 de

Dezembro correspondem Waterloo e Sedan ; surge ainda uma vez a republica das convulsões de uma guerra externa e, a despeito dos esforços de Thiers e seus successores, quem sabe se se consolidará?

Aqui na America, bem perto de nós, Latorte, para conduzir o seu paiz pela estrada da ordem e da civilisação, assume a dictadura.

Isto faz recordar o quadro do despotismo democratico, que Tocqueville assim esboça, talvez com exageradas côres : « Vejo uma multidão de homens semelhantes e iguaes que sobre si mesmo girão sem repouso, para alcançarem pequenos e vulgares prazeres de que enchem a sua alma. Acima d'elles eleva-se um poder immenso, tutelar, que encarrega-se elle só de assegurar-lhes os gozos e de velar sobre a sua sorte. É absoluto, regular, detalhado e doce. Não quebra as vontades, amolece-as, dobra-as, dirige-as ; raras vezes obriga a fazer, mas oppõe-se constantemente a que se faça ; não tyranisa, vexa, comprime, enerva, extingue, embrutece, e reduz, emfim, cada nação a não ser mais do que um rebanho de animaes timidos e industriosos, do qual é o governo o pastor. »

« Toda a democracia, diz Cousin, precisa para dprar de um senhor que a governe ; a democracia romana escolheu o mais magnanimo e o mais sabio na pessoa de Cesar. »

Pois bem, enquanto se não attinge a esse fim com que sonha Laveleye, guarde cada povo a fórma de governo que adoptou, porque em todo

caso as grandes reformas, para serem uteis e perdurarem, devem-se distinguir por duplo character de oportunidade e sazão, e ser consagradas pelo tempo, que é o verdadeiro genio creador, porque a paciencia.

Nem influa sobre nós o phantasma do poder pessoal para arrefecermos em nossa fé monarchica.

Chefe de dymnastia ou de republica, o supremo representante do poder tende sempre a alargar a esphera de sua acção e a destruir as resistencias que perturbão os seus planos, ás vezes dictados pelo interesse individual, mas quasi sempre pelo bem publico.

O que importa é corrigir-lhe as aberrações sem sobresaltos.

Se a França em vez de destruir o throno de Luiz XVI tivesse conservado a sua antiga realeza e fosse pouco a pouco despojando-a de exorbitantes prerogativas, não estaria até agora oscillando entre duas formas de governo, sem ter consolidado nenhuma, depois de tanto sangue derramado.

« Se eu concedesse o que quereis, disse Carlos I, quando no começo da revolução ingleza a camara dos communs pediu-lhe que não nomeiasse mais ministros, nem pares do reino, sem o assentimento do parlamento, e que renunciasse o supremo commando do exercito, poderião ainda apresentar-se perante mim de cabeça descoberta, beijar-me a mão e chamar-me magestade; as palavras « a vontade do

rei expressas pelas duas camaras » poderião ser sempre a formula de vossas ordens; eu poderia mesmo fazer conduzir diante de mim a massa e a espada, e deleitar-me diante do sceptro e da corôa, ramos dessecados que não florescerião por muito tempo, porque o tronco estaria morto; mas quanto ao poder real, isto é ao verdadeiro poder, eu não seria mais do que uma imagem, um signal, uma vã sombra de rei. »

Sem que a constituição ingleza obrigasse o monarcha a renunciar expressamente as prerogativas que Carlos defendia com tanta vehemencia, o phantasma que volteava em torno de sua imaginação assustada, observa um publicista, entrou ha muito no dominio das realidades, e o quadro que elle traçava com tanta exaggeração de côres é hoje o fiel retrato da monarchia constitucional.

Que contraste! a França ainda está luctando para firmar as suas instituições, e a Inglaterra possui de longa data o que para o seu paiz pedia Lamartine nas vespas de 1848, — a republica coroada.

« O que se pensaria, diz Bagehot, se de subito a rainha Victoria raciocinasse assim: os *whigs* estão em maioria no parlamento, mas eu creio que o paiz é favoravel aos *tories*; vou despedir o ministerio *whig*, nomear um ministerio *tory*, e depois dissolver o parlamento a ver se o paiz elege um parlamento contrario ás idéas dominantes no actual? O que se pensaria d'isto? Nenhum inglez póde

sonhar com uma catastrophe d'esta natureza, que lhe parece pertencer aos phenomenos de um mundo diverso do que elle habita! »

A isto, porém, quando se dá no nosso paiz, chamão os *King's friends* (e ligo á qualificação o seu honroso sentido) equilibrar partidos, na ausencia de eleições legitimas, pelo exercicio da prerogativa da dissolução real, que se foi concedida á corôa para de toda a eminencia de sua imparcialidade appellar para a nação de uma camara e um ministerio que ella acredite não estarem mais de accordo com o sentimento geral, deve ser exercida com o maior criterio, e não servir de base a uma politica permanente que annulle o paiz inteiro.

Se não ha eleições legitimas para o que é que se appella, como se exerce a prerogativa?

Lança-se assim á corôa a maxima parte da responsabilidade do estado em que o paiz se acha, porque quando só ella organisa os ministerios reduzem-se estes a instrumentos passivos de suas vontades, e surge um systema que, na opinião de Burke, não só fere de paralyisia cada nervo da constituição, mas ao mesmo tempo entorpece, torna estúpido todo o poder, sem dar nem a segurança dos governos livres, nem a energia das monarchias absolutas.

Reconheço que a situação do paiz não facilita, difficulta a missão da corôa.

Aonde não impera a superstição domina a in-

diferença, ou agita-se o materialismo, sentindo-se a falta de um numeroso clero moralizado e intelligente que instrua pelo exemplo e pela palavra. Se o subversivo axioma « o estado deve ser atheu » não é proclamado pelo governo, póde-se assentar nos conselhos da corôa quem declare em pleno parlamento que só vê Deus no pollen das flores, na lei physica. Mal vae um povo que assim vê abatidos os dogmas com que o acalantarão no berço. A revolução ingleza completou-se pacificamente, porque nunca a abandonou o principio religioso; em França, 1793, na phrase poetica de um publicista, foi a flôr ensanguentada da encyclopedia.

Ao passo que em Inglaterra o manto de arminho cahe sobre os hombros de jurisconsultos eminentes, experimentados, considerados pelos seus collegas, indigitados pela opinião publica, tirados do fôro, entre nós veste a toga de juiz qualquer moço que acaba de cursar as aulas e ainda de si não deu provas nem intellectuaes, nem moraes. Dependente ora do executivo, que tão arbitrariamente a escolhe e promove, ora das influencias que lhe abrem a carreira politica, na qual vae buscar compensação dos mesquinhos rebitos de suas funcções, a magistratura não presta o devido culto á magestade da lei; se não se póde dizer que a venalidade seja o cancro que a corroe, tambem não se póde assegurar que a incorruptibilidade, no sentido rigoroso da expressão, seja a sua virtude.

A instrucção publica, dada superficialmente nos cursos e aulas superiores, distribue-se com a maior parcimonia nas escolas primarias, e a educação decahe a olhos vistos.

A imprensa, esse poder que substitue o parlamento ausente, protege os fracos e concreta a opinião, muito abaixo de sua importante missão, só é lida com avidez quando alimenta o escandalo.

Os partidos, cuja vida é condição *sine qua non* da existencia do systema representativo, se não devem seguir o dr. Johnson, que pedia para a politica um bom odiento (*a good hater,*) devem encarar-se com ciume, inspeccionar-se; entre nós, porém, quando estão no poder convertem-se em *coteries* exclusivas, neutralisão todas as forças vivas que se não consagrão ao seu serviço, lanção-nas em opposição e resistencia; quando descem do poder cahem em lethargico somno, e em qualquer das posições só têm os olhos fitos naquelle que faz a noite e o dia em materia de politica « Os poucos de seus membros que ainda hontem elevavão a sua alma acima do contagio, consolavão o nosso patriotismo e forçavão-nos á esperança, hoje *são como os outros*, fatigados da lucta, jogão a sua religião politica á tempestade. »

No parlamento já se não ouve aquella eloquencia magestosa do patriotismo, cujas palavras inspiradas, echoando em todos os angulos do imperio, fazião vibrar as cordas do coração da patria e guiavão a nação.

No meio d'esta lacuna geral, dir-se-ia que perdido o instincto do direito e da justiça, vendo a violencia e o arbitrio trasbordarem de todos os lados, em plena placidez de consciencia, apenas perturbada pela indignação moderada de poucos, indifferente á causa publica, o povo abaixa-se tanto mais quanto se ergue a corôa, forte em uma constituição outorgada que lhe confere extensas prerogativas.

Dotado de qualidades phisicas e moraes que exaggerão esse encanto mistico que sempre cerca a realza, o Imperante doma os tribunos que chegaram aos seus conselhos, de modo que perdendo o tom altivo e arrogante que antes tinham, « mesmo quando se erguem diante de sua pessoa, curvão-se tanto que deixão ver o nariz aquilino por entre os joelhos.»

Possuindo o poderoso elemento que constituiu a maior força de Jorge III, profundo conhecimento dos negocios publicos em todos os seus detalhes, se não impõe, necessariamente insinua a sua opinião e vontade a ministerios mal organizados, e assim reina, governa e administra.

Em taes condições o que admira é que não diga, como Luiz XIV, « o estado sou eu », e se proclame absoluto. Para isso não seria necessario um genio d'esses que a providencia envia ás nações em decadencia a fim de se regenerarem, bastaria uma simples vontade logica.

Mas, por isto mesmo, não deve ser animado a exagerar as suas prerogativas, proseguindo em uma politica perigosa.

Adoptando-a, Jorge arredou no começo de seu reinado a Chatam, impediu no fim d'elle que Pitt se entendesse com Fox ; com pronunciado pendor para os homens mediocres e repulsão para os habeis e guiando-se por suas antipathias pessoaes, preferiu um servidor obsequioso e vulgar como Addington a um estadista de talento e independente como Pitt, mas esterelisou todas as administrações que se succederão no poder durante quarenta annos, como observa Bagehot.

Uma tal politica pode a final expor a corôa ás consequencias que se deduzem do seguinte facto recordado por Thiers : « Outr'ora o monarcha inglez recebia respostas como esta : Chatam, o pae, sahido do ministerio, era o homem necessario na opinião dos communs. O rei manda-lhe o secretario d'estado Fox offerecer-lhe o ministerio : « ide dizer á Sua Magestade, responde Chatam, que quando me enviar um mensageiro mais digno d'ella e de mim, responderei á honra de sua mensagem. » O mensageiro mais digno foi enviado, e Chatam foi o fundador de uma dymnastia de ministros desagradaveis a seus reis e senhores do paiz durante meio seculo. »

Deve-se-lhe, pelo contrario, recordar com um publicista que lhe cumpre lubrificar apenas, sem que ninguem o perceba, o complicado mechanismo da monarchia constitucional, e não dirigil-o com os aplausos do publico ; deve-se-lhe imprimir cada vez mais no espirito a justa noção do rei constitucional, tão eloquentemente resumida por ou-

tro publicista nestas palavras: «Se um monarcha póde fazer a felicidade de seu povo, o melhor é pol-o fora de qualquer ataque. E' preciso admittir que elle não póde fazer o mal, e não rebaixal-o ás proporções mesquinhas da realidade. O seu lugar deve ser elevado e solitario. Como a realeza de Inglaterra não tem senão funcções latentes, preenche estas condições; parece que ordena, mas nunca parece que lucha; está ordinariamente occulta como um misterio, algumas vezes attrahe as vistas como um grande espectaculo, mas nunca se envolve nos conflictos. A nação divide-se em partidos, a corôa permanece fóra de todos. Seu isolamento apparente nos negocios affasta-a das hostilidades e profanações, conserva-lhe um encanto misterioso e permite-lhe reunir ao mesmo tempo a affeição dos partidos contrarios e ser um symbolo visivel de unidade para aquelles cuja educação ainda incompleta não póde dispensal-o.»

Pretendeis chegar, meu caro Ferreira Vianna, a este resultado pela *eleição directa censitaria por circulos?*

Receio que votando-a se rompa com o passado, sem respeito á lei de continuidade, substituindo o principio da evolução lenta pelo da revolução subita.

A eleição directa censitaria entende com a questão da soberania sempre debatida e nunca esgotada

Nos tempos que correm, trava-se mais renhida a lucha entre os elementos moral e material. Para

os que querem constituir a sociedade com o elemento moral o soberano é o direito; para os que querem constituil-a com o elemento material o soberano é a maioria dos individuos; para aquelles a regra do direito é a justiça; para estes é a força.

Não discutirei se o voto eleitoral é um direito natural, absoluto, universal, que não soffre restricções; se é um direito politico limitado, de um lado pela aptidão d'aquelle a quem é conferido, do outro pela grandeza dos interesses a que é applicado.

Não discutirei se o suffragio universal, livre de coacção, guiado pelo seu bom senso, em presença das grandes questões que fazem desaparecer os interesses privados, como os infinitamente pequenos, participa da infallibilidade divina; se provocado ainda sobre as questões menos importantes é incapaz de saber o que lhe cumpre fazer, e, como as crianças, só manifesta o seu pensamento rindo ou gritando.

Não discutirei se, no ponto de vista da corrupção, tem razão Lamartine observando que envenena-se um copo d'agua, mas não o oceano; se um seu contradictor assegurando que o oceano popular não escapa ás intoxicações administrativas, e que se para corromper o eleitor censitario é preciso um prefeito, para ganhar o votante da democracia basta uma garrafa de vinho.

Não discutirei, finalmente, se tinham razão os Girondinos dizendo no momento de sucumbirem: « o suffragio universal é a revolução permanente. »

Prescindo d'estas e outras controversias, e, por ora, colloco-me em diverso terreno.

As leis eleitoraes nada tem de necessario, nem de immutavel, modificão-se á medida que a civilisação progride, alargando o suffragio.

Quando sahiamos da tutella da metropole, deunos o fundador do imperio uma constituição em que o voto eleitoral está subordinado a um censo, sim, mas tão baixo, que neste paiz de facil acquisição de meios de vida, só exclue o mendigo, ou o tão descurado de si que nem das cousas publicas cogita. Os autores do pacto fundamental do estado, com um bom senso admiravel, ponderarão as opiniões extremas, estabelecendo o suffragio universal de facto; mas corrigindo-lhe, quanto possivel, os principaes defeitos pela eleição dos dois grãos, esse filtro do suffragio popular por meio de um corpo intermediario, como lhe chama Stuart Mill.

Se agora, depois de mais de meio seculo de pratica do systema representativo, considerando a nação mais atrazada do que na época de sua emancipação politica, tirardes o que então se deu á quasi totalidade dos cidadãos para concentrar em poucos privilegiados, não receiaes que aquelles mesmos que não aprecião o seu direito politico, privados d'elle, o reclamem com energia, por movimento proprio ou suggestão dos demagogos, que a reacção vá além da acção, que a regra do direito não seja a justiça, mas a força, e que o suffragio universal deixe de ser a expressão de um direito inherente a cada in-

dividuo, porque é livre e faz parte da sociedade, e se converta em simples meio de contar as *forças* antes de entrar com ellas em lucta?

Guizot, o propugnador da soberania da razão, depois de assistir á dolorosa experiencia da eleição directa censitaria em França, replecto de experiencia, escreveu na «Historia parlamentar» estas palavras: «As nações, como os reis, têm soberbo prazer no gozo da soberania e as revoluções são o seu modo de dizer por sua vez: *o estado sou eu.*»

Assentaes o censo na instrucção? Aonde tanta gente não sabe lêr nem escrever, restringis excessivamente o paiz legal.

Assentaes na occupação? Chegaes quasi que ao mesmo resultado, pondo á disposição do governo, pelo menos, o voto da grande classe dos empregados publicos.

Assentaes na fortuna? Se o elevardes pouco, sem applicar as reclamações, não conseguireis o vosso fim; se o elevardes muito, substituireis a soberania do povo pela soberania do dinheiro.

E o amor do dinheiro, pergunta um publicista, não será a mais forte das paixões em um paiz em que a capacidade politica se mede exclusivamente pelo dinheiro, e sob um systema em virtude do qual um mil réis de mais, ou um mil réis de menos faz do homem livre um escravo, e do Ilote um soberano?

Em 1861 notava eu que o bem estar organico tornava-se o objecto de uma sorte de culto,

transformando em divindade o dinheiro, que por toda a parte podia *descontar* os direitos do homem e da virtude, porque só elle podia dar plena satisfação aos sentidos e á personalidade; hoje já podemos repetir, olhando contristados para alguns homens politicos, estes versos de Horacio:

« *Populus me sibilat ac mihi plaudo*

Ipsæ domi, simul ac nummos contemplor in arca. »

Lamartine, assignalando na « Historia da revolução de 1848 » as causas da queda de Luiz Phelippe, disse: « Elle havia feito de um censo de dinheiro o signal e o titulo materialista da soberania, em vez de reconhecer e verificar essa soberania pelo titulo divino do homem, da creatura capaz de direito, de discernimento e de vontade. Em uma palavra, elle e seus ministros imprevidentes havião posto a sua fé em uma olygarchia em vez de bazeal-a na unanimidade. Não havia escravos, mas havia um povo inteiro condemnado a ser governado por um punhado de dignitarios eleitoraes; só elles erão homens legaes. As massas não erão senão massas que carregavão o governo, sem nelle ter participação. Um tal governo não podia deixar de tornar-se egoista; e taes massas não podião deixar de tornar-se desaffeioadas. »

A eleição directa censitaria por circulos não consulta as condições do paiz, nem os interesses geraes, e prejudica a unidade nacional.

Ha quarenta annos dizia Duvergier de Hauranne que então o mal estava na corrupção nascida das

relações habituaes entre o eleitor e o eleito, e que era necessario destruir essas relações senão o governo representativo em França extinguir-se-hia no aviltamento e na vergonha.

E não podemos dizer que no Brazil o mal é a corrupção que nasce das relações habituaes entre o eleitor e o deputado e entre o deputado e o governo? Sim, entre o eleitor e o deputado não ha mais permuta de idéas, mas de serviços; e entre o deputado e o governo estabeleceu-se um colúyo, que esquecendo a vontade nacional, constitue algumas dominações individuaes.

Ora, a eleição directa censitaria por circulos não destroe, estreita essas relações. Não é possivel rompê-las, como bem observa o escriptor que acabei de citar, em quanto houver de um lado eleitores permanentes que vejam no seu deputado o protector de seus interesses privados, e do outro um deputado temporario cuja eleição dependa de certas familias e pessoas do seu conhecimento; o meio de conseguil-o é durante a legislatura e até o ultimo momento, não conhecer o deputado o eleitor, e o eleitor não se conhecer a si mesmo; é no momento em que a eleição se verifica desapparecer a delegação e dissipar-se o collegio eleitoral.

Com a eleição dos dois grãos, demonstrou-o no parlamento francez o deputado Berenger, evita-se a permanencia dos collegios, que é necessaria, indispensavel na eleição directa, para prevenir as fraudes, mas que, com o tempo, póde ter seus

perigos, favorecendo coalisões no intuito de proteger ou defender certos interesses que serão contrarios aos interesses geraes.

Como bem disse alli o deputado Lainé, a intriga e a mediocridade podem triumphar em um estreito circulo; mas á medida que o circulo se alarga é preciso que o homem se eleve para attrahir as vistas e os suffragios.

« A primeira e mais indispensavel condição da melhor eleição, disse Royer Collard, é a aproximação dos eleitores e a sua reunião no mesmo collegio. Quereis que o eleitor veja tudo o que deve vêr para bem escolher, e que não veja nada mais? desembaraçae-o da esphera local, elevae, engrandecei o seu horisonte. Quereis que elle seja fórte contra o poder e contra os partidos? dae-lhe companheiros, ponde as forças em commum, formae massas, só as massas resistem, só ellas têm dignidade, autoridade e esse sentimento dos interesses geraes, sem o qual não ha governo representativo; só ellas, emfim, representão verdadeiramente a nação... Não entregueis os eleitores dispersos, desarmados, ás seduções do poder e á tyrania dos partidos. »

« Só transportando-se a lucta eleitoral dos pequenos para os grandes centros de população, conclue Duvergier de Hauranne, dar-se-lhe-ha o character politico que lhe falta, tornar-se-hão mais raras, mais difficeis as relações pessoas do eleitor e do eleito. »

Estou longe de condemnar o espirito de localidade e as influencias de campanario; penso, pelo contrario, com Barante, que é pelo municipio e pelo campanario que os cidadãos têm o sentimento da patria, que é ahi que elles são *elles mesmos*, com opiniões e sentimentos proprios, menos accessiveis ás suggestões, mais alheios ás intrigas eleitoraes tramadas ao longe pelas paixões de um partido, ou pelas ambições de uma *coterie*; penso com esse eminente escriptor, que muito merecem as populações ruraes, que constituem a maioria do nosso paiz; que a influencia de campanario, vale bem a influencia da rua; que conduzir o arado é uma educação politica tão bôa, como lançar a naveta; mas por isso mesmo penso que todos esses sentimentos, sem decahirem, antes elevando-se, podem fundir-se na eleição por provincias, para attenderem aos interesses geraes, fortificando a unidade nacional.

Como observa Biedermann, ao passo que a raça germanica é por sua natureza essencialmente pessoal, inclinada á individualidade e á independencia, ligando-se tanto ás particularidades municipaes que esquece a unidade necessaria para formar um grande estado, a raça latina da qual ainda somos expressão acentuada, é talvez a que mostra mais disposição para se deixar governar, recebendo o impulso de um ponto central, e dirigindo a attenção para esse mesmo ponto.

Se não é possivel satisfazer o grande *deside-*

ratum da soberania nacional, formando o collegio unico em que vote o paiz inteiro, porque exigiria d'este um tal gráo de educação que lhe permittisse conhecer e apreciar as intelligencias superiores que constituem a sua gloria e o seu genio, e tem por isso direito a represental-o em suas grandes assembléas, educação que nenhum povo ainda attingio ; se não é possivel satisfazel-o, porque tem tambem seus inconvenientes, que entre nós serião aggravados pela vastidão do Imperio ; verdadeiros conservadores, conservemos a eleição dos dois gráos por provincias estabelecida na constituição, e com a qual deu-nos o primeiro reinado eleições livres, camaras compostas dos proceres da nação, tendo sempre em seu seio uma respeitavel opposição ; e lembremo-nos de que o ensaio de eleição por circulos de um e tres deputados abaixou o nivel da representação geral e provincial.

Em todo o caso não é nesta quadra que nós conservadores devemos auxiliar reformas promovidas pelo partido liberal, sobre tudo quando dependem de uma constituinte.

O partido conservador não póde ficar apertado entre a tradição e a ordem.

Não, elle não é a tradição pura e simples ; se o fôra, não seria só a immobildade, seria o regresso, porque seria a transportação para o presente de todos os erros do passado.

Não, elle não é tambem a ordem ; o mundo physico obedece a um principio primo, a gravita-

ção universal, que regula a marcha de todos os corpos; o mundo moral obedece a outro principio que é alguma cousa de analogo áquella força e regula a marcha da humanidade, sem attentar ao livre arbitrio, que funciona nos limites da personalidade; as sociedades civis e politicas obedecem ás leis humanas, que são a consagração do direito natural; a ordem é, pois, a obediencia á lei, necessidade indispensavel da existencia social, dever de todos os partidos e nunca bandeira exclusiva de nenhum.

O partido conservador é o progresso, porque elle e o partido liberal dirigem-se a um mesmo fim, no dizer de um publicista, como essas linhas geometricas que sempre se aproximão sem nunca se encontrarem, um representando a razão e o outro o sentimento.

Partidos incompletos, porque cada um d'elles mais recebe o seu impulso de uma d'estas duas forças iniciaes, reconhecem que só o seu concurso, isto é a sua alternção no governo do paiz, pode conduzir á verdade inteira; e por isso, em um momento dado, cada um se resigna á supremacia do outro.

Mas quando um partido, como o que actualmente governa, desconhecendo a sua missão, emite papel moeda sem lei que o autorise, e dá logo as regras de seu resgate, usurpando attribuições do poder legislativo; rasga o acto addicional, invadindo as dos poderes provinciaes; proclama como principio inconcusso a prisão administrativa por tempo

indeterminado ; attaca o *habeas corpus* ; invade os tribunaes superiores, dictando-lhes as normas dos seus julgamentos ; diz em pleno parlamento que o governo tem o direito de violar a lei sempre que o julga conveniente ao bem publico, impondo ao mesmo tempo silencio á nação com uma camara unanime, que outr'ora denunciou como signal certo de situações violentas que nada salvão e tudo perdem, porque provocão a revolução, a missão unica do partido conservador, *quando resolve obrar activamente*, é destruir essa Babel cuja confusão é peor do que a das linguas, porque é a das idéas, accendendo o pharol que illumina o direito, — a liberdade.

Exposta assim a *minha opinião* tão concisamente quanto m'ò permittiu a rapidez com que escrevi, quereis ainda saber, meu caro Ferreira Vianna, quaes são os *meus propositos* ?

Unidade atomo, como já me qualificastes em vossa *carta circular*, e que pouco posso influir na marcha dos acontecimentos, responder-vos-hei com a mesma franqueza com que até aqui me tenho manifestado.

Um grande geometra, que tambem cultivou sciencias sociaes com vantagem, procurou, quando as paixões excitavão vivamente os acontecimentos politicos do seu paiz, estabelecer analogias entre os principios da mecanica e o que se passa na sociedade ; dellas extrahi para meu uso as seguintes maximas :

« O homem que tende sempre para um fim

acaba por adquirir immensa força ; não ha pedra, por pequena que seja, que cahindo de uma grande altura, não chegue a actuar como um peso consideravel ; mas para attingir esse fim é preciso não perdê-lo nunca de vista, e sobre tudo não escolhel-o muito remoto, porque as menores forças estranhas que o firão lateralmente expol-o-hão a descrever uma trajectoria mais ou menos longa, e que podendo tornar-se curva fechada, fal-o-hão voltear constantemente em torno do fim desejado sem nunca attingil-o. Se só obedecesse á sua tendencia natural, a terra estaria ha muito tempo sobre o sol ; uma impulsão latteral, porém, a faz voltar eternamente sobre si mesma, e circular em torno do astro brilhante, para o qual se sente arrastada.

« O meio mais seguro de não cahir é caminhar direito ; mas para bem conservar essa posição vertical que tantas vantagens nos dá, é preciso não lançar aos hombros carga muito pesada, se não seremos logo constrangidos a curvar-nos.

« A linha recta é o caminho mais curto para ir de um ponto ao outro ; mas não a linha de mais rapida descida de uma posição para outra ; esta ultima linha é curva, e a geometria mostra que a queda é mais sensivel no ponto em que ella começa.

« O sabio estuda as forças que sobre si actuão, a fim de modificar á sua vontade a grandeza e a direcção da resultante. Caminhando assim, vae sempre aonde quer, e não avança senão com a velocidade que quer ter ; senhor de sua marcha, que regula

livremente, seguirá para passar de uma a outra posição a linha recta ; e partidario rigoroso do *principio da menor acção*, que o ser supremo poz em todas as cousas, ligar-se-ha a destruir todas as forças que o poderião desviar da estrada, ou fazer girar sobre si mesmo.

« Seguindo o movimento do seu seculo, collocar-se-ha no centro, e ao passo que os ambiciosos procurarem subir ao alto da roda da fortuna, ficará tranquillo no eixo, para não expor-se, como elles, a ser esmagado á primeira volta da roda, ou projectado na poeira.

« Os corpos participão do movimento d'aquelles a que adherem, ou sobre os quaes estão collocados. E' por não attenderem a esta verdade que muitas pessoas se ferem lançando-se com precipitação de uma carruagem rapidamente conduzida, ou fóra de um turbilhão politico de cujo movimento tem participado.

Sem esquecer-me d'estas maximas, se o partido conservador resolver obrar activamente e der-me a voz de — marcha —, não serei dos menos promptos, nem dos menos esforçados ; mas, a meu ver, melhor fóra que elle seguisse o conselho que se contém nestas palavras de um eminente politico.

« Ha na vida das nações momentos, felizmente raros e curtos, em que a resistencia legal é impossivel. Então o direito fica em minoria, o despotismo apoia-se no numero, e tudo parece perdido. Resta aos homens honestos um recurso, a resisten-

cia passiva. Esta consiste em pagar o imposto, não perturbar a ordem, em ficar cada um em sua casa. Deixa-se a autoridade culpada no fundo do seu palacio, a solidão torna-se o seu castigo, o silencio o protesto dos opprimidos, a abstenção é o cordão sanitario estabelecido em torno da corrupção official. Nesses tempos os santos vão chorar no deserto; os grandes patriotas fogem das funcções publicas, preferem a pobreza aos pingues ordenados, e de boa vontade antes querem conduzir a charrua do que vestir a purpura e o arminho para cooperar no abatimento da alma social. Esta resistencia é mais poderosa do que se pensa. A autoridade não póde sustentar por muito tempo uma lucta desigual. Separada da nação, não é mais do que uma *caput mortuum*, que cahe por terra sem choque. »

Adeus, meu caro Ferreira Vianna; no meu retiro agricola, fico arando a terra até que a voz competente me diga: — marcha!

Vosso correligionario e amigo,

Cincinnatus.

Dezembro, 26 de 1878.

